

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MIRELA MENDONÇA RUBILAR

**ENTRE MÃES. CAROLINA E COTA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE NAS
OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE
JESUS**

**Bagé
2025**

MIRELA MENDONÇA RUBILAR

**ENTRE MÃES. CAROLINA E COTA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE NAS
OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE
JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Português e Literaturas de Língua
Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Letras.

Orientador: Vera Lúcia Cardoso Medeiros

**Bagé
2025**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MIRELA MENDONÇA RUBILAR

**ENTRE MÃES. COTA E CAROLINA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE NAS OBRAS
QUARTO DE DESPEJO E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Cristina Arena Forli
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Dênis Moura de Quadros

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **DENIS MOURA DE QUADROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2025, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VERA LUCIA CARDOSO MEDEIROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA ARENA FORLI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 21:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1785870** e o código CRC **6DB14731**.

Referência: Processo nº 23100.011820/2025-61 SEI nº 1785870

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R896e Rubilar, Mirela Mendonça

ENTRE MÃES. CAROLINA E COTA: UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE NAS
OBRAS QUARTO DE DESPEJO E DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA
DE JESUS / Mirela Mendonça Rubilar.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Vera Lúcia Cardoso Medeiros".

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Maternidade . 3. Literatura.
4. Mulher Negra. I. Título.

Dedico este trabalho a minha família e a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTO

O meu percurso até aqui foi longo, com muitos desafios, aprendizados e superações. Por isso não poderia finalizar este trabalho sem dedicar palavras de reconhecimento a todos que de alguma maneira percorreram comigo este trajeto.

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus Orixás pela vida, pela saúde, e pela força concedida nos momentos mais difíceis onde eles me mostraram que a fé é a base de tudo.

A minha família que é meu amparo, que sempre acreditou em mim mesmo quando eu duvidei. A minha mãe que é a raiz de tudo que sou que sempre me ensinou com bons exemplos a lutar pelos meus sonhos. A minha querida vó Noêmia que hoje não está mais aqui fisicamente, mas que sempre teve paciência para me ouvir e me dar os melhores conselhos, meu exemplo de ser humano.

Ao meu marido, meu companheiro, amigo e incentivador para todas as horas, que sempre esteve ao meu lado com paciência, amor e apoio, sem você esta jornada teria sido mais difícil.

Aos meus colegas de sala, os bons amigos que a universidade me presenteou, com quem compartilhei tantos momentos incríveis, como risos, chimarrões, companheirismos e até alguns perrengues, vocês foram parte fundamental desta jornada, levarei para vida.

À minha orientadora, professora Dr.^a Vera Lúcia Cardoso Medeiros, pela atenção e paciência e o apoio persistente. Sua participação foi um diferencial em meio às dúvidas e seu acolhimento fez toda diferença na construção deste trabalho.

Aos demais professores, por toda dedicação e ensinamentos, em especial à professora Dr.^a Carolina Fernandes, pelas lições, amizade e conversas.

Concluo esta etapa de coração agradecido, entendendo que nenhuma parte da jornada foi solitária. Com a certeza de que todos aqui citados contribuem de alguma forma nas páginas deste trabalho.

Nunca foi sorte, sempre foi fé.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a representação das relações maternas nas obras *Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada* (1960) e *Diário de Bitita* (1986), ambas de Carolina Maria de Jesus. Pautado em uma pesquisa de cunho bibliográfico, as questões que tangem à maternidade, sociedade, raça e gênero apresentam relevância neste estudo, delimitando os olhares e abordagens aqui adotados. É entendido que os aspectos sociais e raciais são fatores determinantes no maternar das personagens analisadas: Carolina, enquanto mulher negra e mãe solo na favela, e Cota, sua mãe, que nos é apresentada em sua obra póstuma. Para tanto, além da própria autora, outros pensadores e estudiosos possibilitaram a construção teórica deste trabalho, como Lélia González, Elaine Cristina Vaz de Oliveira Vieira, Livia Maria Nascimento Silva e Cícera Nunes. Assim, busca-se compreender como a escrita de Carolina evidencia vivências maternas marcadas pela convergência de classe, raça e gênero.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Maternidade. Literatura. Mulher Negra.

RESUMEN

El presente trabajo presenta un análisis sobre las relaciones maternas descritas en las obras *Cuarto de Desahogo: Diario de una Habitante de Favela* (1960) y *Diario de Bitita* (1986), ambas de Carolina Maria de Jesus. Basado en una investigación de carácter bibliográfico, las cuestiones relacionadas con la maternidad, la sociedad, la raza y el género adquieren relevancia en este estudio, delimitando las miradas y enfoques aquí adoptados. Se entiende que los aspectos sociales y raciales son factores determinantes en el ejercicio de la maternidad de los personajes analizados: Carolina, como mujer negra y madre soltera en la favela, y Cota, su madre, quien es presentada en su obra póstuma. Para ello, además de la propia autora, otros pensadores e investigadores hicieron posible la construcción teórica de este trabajo, como Lélia González, Elaine Cristina Vaz de Oliveira Vieira, Livia Maria Nascimento Silva y Cícera Nunes. Así, se busca comprender cómo la escritura de Carolina evidencia vivencias maternas marcadas por la convergencia de clase, raza y género.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus. Maternidad. Literatura. Mujer Negra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A AUTORA E SUAS OBRAS	14
2.1 Sobre Carolina Maria de Jesus	14
2.2 Quarto de Despejo: Diário de uma favelada (1960)	17
2.3 Diário de Bitita (1986)	21
3 IMAGENS DA MULHER NEGRA	24
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE	26
4.1 Mãe da Carolina	26
4.2 Carolina Filha	27
4.3 Carolina Mãe	28
5 RELAÇÕES ENTRE MÃES E FILHOS	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a representação da maternidade nas obras *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. Na obra *Diário de Bitita*, observam-se as relações da menina Carolina e sua mãe, Cota, já na obra *Quarto de despejo*, Carolina passa para a condição de mãe. Apesar dessas diferenças, as duas obras permitem refletir sobre as representações da maternidade e das relações entre mãe e filhos.

A pesquisa tem como objetivos analisar como Carolina representa os vínculos entre mãe e filhos; e comparar as duas personagens maternas presentes nas obras: a mãe de Carolina e a Carolina mãe; bem como refletir sobre os desafios da maternidade em um cenário de miséria e desigualdade social.

As experiências testemunhais relatadas por Carolina fornecem uma ampla fonte de análise para compreensão das relações maternas de mulheres negras em situação de precariedade. Por meio desta verificação, busca-se demonstrar como a autora mostra sua posição de filha e mãe, manifestando uma voz de força que contraria os sistemas de autoridade e expõe situações degradantes vividas.

Portanto, esta pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de realçar a importância das colaborações de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe solo, pobre e favelada que viveu sua infância e sua maturidade em uma sociedade racista, que obteve voz através de suas obras tornando-as um ato de resistência e assim não sendo silenciada.

As obras de Carolina deixaram-me extremamente instigada, sua linguagem informal traz seus relatos de mãe, severamente reais, frases chocantes e cheias de resiliência, isso torna a leitura de suas memórias algo intenso e, ao mesmo tempo, perturbador.

A abordagem metodológica adotada neste trabalho é correspondente à pesquisa bibliográfica. No decorrer deste, analisa-se a forma como Carolina se coloca como mãe que visa proporcionar o ideal para seus filhos em meio a vulnerabilidades; e como filha cujas trajetórias influenciaram sua visão de mundo. Também será estudado como a autora manifesta sua resistência e coragem materna em um cenário de preconceito racial e de gênero, destacando a influência de suas obras no processo de reflexão sobre temas sociais que continuam presentes nos dias de hoje. Desse modo, este trabalho intenciona contribuir para um aprendizado

mais abrangente da importância de Carolina Maria de Jesus na literatura e na batalha pelos direitos das mulheres negras, pobres, mães e periféricas, reconhecendo a força das suas narrativas como um reflexo da sua resiliência.

Para o desenvolvimento deste estudo foram examinadas obras dos autores Carolina Maria de Jesus, Lélia González (1979), Elaine Cristina Vaz de Oliveira Vieira (2021), Livia Maria Nascimento Silva e Cícera Nunes(2022), Roberto Schwarz (1983), que foram essenciais para a análise do objeto de estudo em questão.

Esta monografia apresenta quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “*A autora e suas obras*”, trata de uma breve contextualização da autora e suas obras a serem estudadas, bem como suas sínteses e discussões acerca da fortuna crítica de cada uma; o segundo capítulo, “*Imagens da Mulher Negra*”, aborda a condição da mulher negra no Brasil, com ênfase na maternidade; já o terceiro capítulo, “*Descrição e análise*”, apresenta a descrição dos papéis distintos entre a mãe de Carolina, Carolina filha e Carolina mãe; finalizando os capítulos, o quarto cujo título é *Relações entre mães e filhos*, apresenta a reflexão sobre o que torna Carolina uma mãe diferente de sua mãe. Por fim, esta monografia se encerra com as considerações finais, seguidas das referências que fundamentam e orientam a presente pesquisa.

2 A AUTORA E SUAS OBRAS

2.1 Sobre Carolina Maria de Jesus

Segundo as informações disponíveis no site do Instituto Moreira Salles, no espaço dedicado à escritora, Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, zona rural de Minas Gerais. Sua mãe se chamava Maria Carolina de Jesus e seu pai João Cândido Veloso, pai esse que ela somente soube da existência ao ouvir conversas da mãe, como narra em *Diário de Bitita* (1986, p.8). Na infância, a escritora morava com sua mãe e seu irmão mais velho. De família muito humilde, quando era menina, adorava ouvir as histórias do avô, um ex-escravo que se chamava Benedito, que contava suas memórias vividas e ela sempre o seguia.

Carolina, ou a pequena Bitita como era chamada, gostava de saber e de aprender e, em 1921, entrou para escola. Infelizmente não ficou lá por muito tempo, não terminando o segundo ano, mesmo assim, teve alguns aprendizados de leitura e escrita. Sua mãe, além de lavadeira, trabalhava em fazendas e, por isso, mudaram-se muito, motivo pelo qual Carolina não pôde dar continuidade aos seus estudos. Ainda, a pequena Bitita tinha que acompanhar sua mãe no labor diário. A escritora teve uma infância difícil, passou por muitos desafios e desprezo, suas tias a ofendiam, destratavam e inclusive incentivaram sua mãe, Cota, a bater na filha, como temos nesta passagem: “Bate, Cota! Bate nesta negrinha! Ela está com quatro anos, mas o cipó se torce enquanto é novo.” (1986, p.9). Gradualmente ela foi se acostumando com essas ofensas, pois ela só queria ler e ler, esse era seu maior desejo, ela não sabia, mas ali já estava crescendo uma escritora.

Em uma das muitas caminhadas por algumas cidades acompanhando sua mãe, Carolina, com aproximadamente dezessete anos, fica doente com um sério problema nas pernas e decide que vai atrás de um tratamento para curar-se. Vai andando de Sacramento até Uberaba, mas infelizmente a caminhada é perdida, ela não consegue nada e volta para sua cidade. “Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém. Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de rodagem. Que luta!” (Jesus, 1986, p. 148).

Em Uberaba ela é acolhida em um convento onde, mesmo sendo asilada, foi orientada a lavar as roupas dos outros asilados. Lá eles, os que buscavam abrigo, não podiam trabalhar, no entanto, como as freiras não encontravam lavadeiras e, por terem nojo de lidarem com as roupas destes, fizeram com que ela realizasse o serviço. Por ser uma tarefa extenuante, Carolina não conseguia retornar ao hospital e receber o atendimento médico que necessitava, isso a frustrou e a levou a tomar a decisão de retornar a Sacramento;

[...] Cansei daquela vida pedi à irmã Augusta que queria voltar para a minha terra. Não tinha um tratamento adequado.

Ela implorou:

— Não vai! O mundo é um teatro de agruras.

Eu não podia ir ao hospital porque devia lavar a roupa. Para ir ao hospital precisava permanecer na fila para receber as fichas.” (Jesus, 1986, p. 151).

Ainda de acordo com as informações encontradas no *site*, Carolina segue sua vida em Sacramento, ao lado de sua mãe, quando um fato inesperado acontece. Ela é presa porque possuía um dicionário em suas mãos, um livro bastante volumoso, e, como os militares daquela época não eram alfabetizados, deduziram que ela estivesse com um livro de bruxarias. Ela e sua mãe foram espancadas e passaram alguns dias na cadeia, logo em seguida foram soltas. Aquele cenário, para Carolina, já não era mais adequado e nem fazia mais sentido, então, em conversa com sua mãe, decidiu ir embora de Sacramento, pois ela não seria mais vista com bons olhos na cidade.

As feridas inflamaram. A minha mãe não podia lavar roupa. Nós saíamos andando nas roças pedindo esmolas. Minha mãe com o braço quebrado e eu com as pernas enfaixadas. Ganhávamos arroz, feijão, toucinho, sabão, queijo, sobras de comidas.

Minha mãe dizia:

— Você precisa deixar esta cidade.

— Está bem — concordei.

Pensava na generosidade dos paulistas.

Os pais de família proibiram suas filhas de falar comigo. Eu ia contaminá-las com os maus exemplos. (Jesus, 1986, p. 181).

Carolina então mudou-se para São Paulo, ao primeiro contato com a cidade ela apaixonou-se pela ideia de que a vida naquela cidade seria boa, mas aos poucos foi vendo que não era exatamente assim. Achou um terreno vazio e foi construindo seu barraco, assim começou sua história na favela do Canindé. Ela já estava grávida do seu primeiro filho, João José, quando chegou na favela, e, mesmo assim, foi buscar seu sustento. Começou com a coleta de papel, garrafas e materiais

recicláveis, Carolina virou catadora, e alguns anos depois vieram seus outros dois filhos. Ela precisou trabalhar mais, a maternidade para ela foi uma caminhada solo, extremamente difícil por não ter apoio de ninguém, dessa forma criou seus três filhos, João José de Jesus, o filho mais velho, José Carlos de Jesus, o filho do meio e a pequena Vera Eunice de Jesus, sua filha caçula. Suas lutas diárias eram por eles, e apesar de serem dias difíceis ela nunca desistiu de querer dar sempre o melhor que podia para seus filhos.

Como gostava muito de ler, todos os cadernos velhos, papéis, livros surrados e jornais ela pegava para si, aquele mundo da leitura era fascinante para ela, e assim também tomou gosto pela escrita e foi tecendo suas memórias. Escreveu sobre seus dias difíceis, a fome, as dificuldades de viver na favela sendo mãe solo, também escreveu sobre seus desejos por dias melhores.

Carolina começou a registrar todos os acontecimentos do seu dia, exatamente tudo que acontecia de bom e de ruim e assim escreveu seu diário, mal sabia ela que esses registros seriam a virada de chave na sua vida. Em 1958, teve seu primeiro contato com o jornalista Audálio Dantas. Ele estava fazendo uma matéria para seu jornal na favela do Canindé, e em pouco tempo de conversa com Carolina solicita para ir até seu barraco para ver seus escritos, ali ele conheceu o seu diário, que viria mais tarde a ser sua obra-prima, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

No dia 19 de agosto de 1960, o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é publicado com um sucesso grandioso, com a ajuda de Audálio, que foi o responsável pela mediação entre a autora e a editora. O livro vendeu dez mil exemplares, e em um ano bateu a marca de cem mil exemplares, sua obra ganhou visibilidade nacional e internacional sendo traduzida para diversas línguas, esta obra se tornou um referencial na literatura brasileira evidenciando a voz de mulher negra, mãe solo e favelada que vivia em uma sociedade excludente.

Carolina saiu da favela do Canindé, foi morar em Osasco, mudou de vida e logo em seguida comprou seu tão sonhado sítio, lá ela seguiu com suas escritas e suas plantações, que também era uma de suas paixões mexer com a terra.

Ela também publicou outras obras como *Casa de alvenaria* (1961); *Pedaços de fome* (1963); *Provérbios* (1963); *Diário de Bitita* (1986) publicação póstuma, a autora também escreveu poemas, romances, contos, poesias e letras de músicas, Carolina era uma escritora diversificada, ela teve um grande reconhecimento literário e recebeu várias homenagens, viajou para diversos lugares para a divulgação do

seu livro *Quarto de despejo*, foi recebida por prefeitos e governadores, sua obra também transformou-se em peça de teatro, teve o lançamento do seu disco com canções autorais, sua história vira documentário, e infelizmente a ditadura chega e faz alguns cancelamentos, mas Carolina não se intimida e segue escrevendo.

Carolina faleceu em 1977, aos 63 anos, em decorrência de problemas respiratórios, na cidade de Parelheiros, em São Paulo, onde vivia em seu sítio. Mesmo após sua morte, continuou sendo homenageada e reconhecida por sua trajetória. Foram produzidos documentários sobre sua vida, sua obra *Diário de Bitita* foi publicada, e ela foi homenageada no livro *Cinderela Negra*, dos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. Além disso, o cineasta Jeferson De lançou o filme “Carolina”, com a participação de Zezé Motta, e seu nome passou a batizar uma rua no bairro de Sapopemba, na periferia de São Paulo. Em 2005, foi inaugurada a Biblioteca Carolina Maria de Jesus no Museu Afro Brasil, localizado no Parque Ibirapuera. Em 2014, seu centenário foi comemorado com uma série de eventos, e, em 2021, uma estátua em sua homenagem foi erguida em Parelheiros, como parte de uma iniciativa da prefeitura para reconhecer personalidades negras. Essas e outras homenagens seguem reafirmando a relevância de sua história, garantindo que sua trajetória de lutas e conquistas jamais seja esquecida.

2.2 Quarto de Despejo: Diário de uma favelada (1960)

Quarto de despejo: Diário de uma favelada é a primeira obra publicada de Carolina, e aquela que transformou sua vida e realidade. Publicada em 1960, é oriunda dos cadernos onde a então moradora da favela do Canindé escrevia seu dia a dia como uma forma de aliviar-se dos fardos de sua rotina, a fome, a miséria, a violência e a maternidade de três crianças sem rede de apoio¹. Um fato importante sobre a obra é o nome dado, *Quarto de despejo*. Por quê? Porque significa descartar, jogar fora, porque é assim que Carolina vê a favela do Canindé, um lugar onde se joga o que não tem mais valor, não tem mais utilidade, Carolina mesmo com seu pouco estudo era muito inteligente, eximia representação de mulher negra que se fez ser ouvida através de suas obras.

¹ Rede de apoio aqui refere-se à assistência que mães recebem de amigos, familiares, profissionais da saúde ou instituições que auxiliam a mulher na tarefa da maternidade.

A obra é um retrato de vida, mas também uma denúncia, um grito de socorro da população marginalizada, esquecida pelos governos e pela própria população. Trazida aos olhos da sociedade após o jornalista e fotógrafo Audálio Dantas revelar este tesouro literário ao mundo. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina, é autobiográfica, memorialista e possui 199 páginas, foram milhares de exemplares vendidos, além de traduções em diversos países. Esta obra foi a virada de chaves na vida de Carolina, a obra nos traz uma escrita testemunhal da autora, e que nos remete para dentro da favela do Canindé.

15 de julho de 1995 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1960, p.11)

Os dias de Carolina na favela eram cheios de desafios, trabalhava muito catando papéis e material reciclado, mas o que ganhava era muito pouco, na verdade, o mínimo, que muitas vezes não era suficiente para comprar nem alguns alimentos básicos para ela e seus filhos, e mesmo assim não esqueceu e nem deixou de presentear sua filha em seu aniversário. Mãe zelosa, fazia tudo que estava ao seu alcance por eles, sempre muito preocupada que eles estudassem e tivessem o que comer. A favela não era um lugar fácil de se viver, mas era o que Carolina podia ter no momento. Como se não bastassem todos os problemas que Carolina enfrentava, ainda tinha problemas com os vizinhos que não gostavam dela, tinha uma em especial que odiava seus filhos, não queria que eles nem perto chegassem de seu barraco, ela conhecida como D. Rosa. “Uma mulher de 48 anos briga com crianças! Às vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, os travesseiros sujos e as crianças fétidas.” (Jesus, 1960, p.16).

Carolina lamentava ver seus filhos conviverem com pessoas desse tipo na favela, e, com toda sua simplicidade, educou seus filhos muito bem, incentivando-os a estudar, manterem-se honestos e íntegros, mas era impossível controlar o que eles viam e com quem conviviam, porque, no Canindé, existiam pessoas de todos os tipos: ladrões, alcoólatras, mulheres da vida, marginais, Carolina sempre defendia seus filhos, fosse de quem fosse. Ela não tinha medo de nada, o único medo dela era não conseguir sair um dia do Canindé.

A rotina de Carolina era quase sempre a mesma. Acordava cedinho, preparava o café dos filhos e saía para trabalhar, catar papel, tinha dias bons e outros nem tanto, mas todos esses dias eram registrados em seu diário. Sua paixão era escrever e ler, por onde andava quando achava cadernos velhos ou folhas que davam para escrever ela guardava, às vezes parando o que fazia para que registrasse o que lhe ocorresse, sempre carregava um lápis no bolso, também ficava feliz quando achava livros velhos, para ela eram tesouros. Algumas pessoas na favela estranhavam, e às vezes eram hostis com Carolina, com o quanto ela gostava de ler e escrever e sua resposta era sempre a de que cada pessoa tem um objetivo, e o dela era aprender através dos livros.

Quando chovia ela ficava aflita porque não sabia como comprar comida para os filhos não podia sair para catar papelão, doía na sua alma ver as crianças pedirem o que comer e não ter nada para dar, mas ela sempre dava um jeito e, às vezes, aparecia uma alma boa para dar-lhe algumas coisas, como indica esta passagem: “4 de julho... Quando eu passava na rua Eduardo Chaves, uma senhora chamou-me e deu-me umas panelas de alumínio, papeis e um quilo de carne assada com batatas.” (Jesus, 1960, p.79).

Carolina sempre foi uma mulher forte, muitas vezes doente, cansada e enfrentando seus problemas diários nunca desistiu, sempre buscou pelo melhor para ela e seus três filhos João José, João Carlos e Vera Eunice que, apesar de tudo, criou e cuidou sozinha deles sempre pensando que um dia iria dar uma casa de verdade para os filhos, pois sempre dizia que barraco não era casa.

28 de maio... A vida é igual a um livro, só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (Jesus, 1960, p. 167)

A escritora sempre se preocupou muito com a situação social em que vivia o país, não entendia o porquê de os políticos não ajudarem os pobres e só favoreciam os ricos, só se fizeram presentes na favela em época de eleição, enquanto isso, os pobres, ficavam cada vez mais pobres, e a favela era vista como o lixo para eles, onde os indesejados eram totalmente esquecidos e deixados sem oportunidades, como destaca o trecho:

15 de maio Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casa de tijolos diz:

— Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

... Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (Jesus, 1960, p.32)

Em seu papel de mãe, Carolina era preocupada também, sempre buscando o melhor para seus filhos e torcendo que a vida que eles levassem não fosse sempre aquela, como destaca Vieira, 2021: “Na condição de mãe solo, fica evidente, em seu relato, a luta para assegurar não apenas o sustento de seus três filhos, mas a transmissão de valores que garantiriam uma vida melhor para eles.” (Vieira, 2021, p.2)

Neste segmento, Vieira (2021), nos mostra o quão zelosa é Carolina como mãe, que se preocupa em levar o alimento diário para seus filhos, sozinha, sem companheiro, não pode contar com ninguém, mas vive essa maternidade como pode da melhor maneira possível e mesmo com todas as adversidades cotidianas ensina princípios e valores aos filhos porque deseja que eles sejam boas pessoas com uma vida melhor que ela teve. A autora valoriza a forma de maternidade de Carolina, porque para ela é um gesto de resistência que busca dignidade para sua família.

Vivenciar a maternidade negra requer espírito de resiliência, buscas, questionamentos, ruptura com a condição de inferioridade imposta pela ordem patriarcal, racial e de classe. Ou seja, ser mãe negra é questão de resistência, especialmente em condições precárias, quanto às políticas públicas eram e (como ainda são) insuficientes para assistir às mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade. (Vieira, 2021, p.3)

Vieira desvela uma profunda reflexão sobre os desafios da maternidade e deixa explicito a necessidade de políticas públicas que sejam assertivas e que

funcionem. Ela nos detalha que, mesmo Carolina atravessando vários obstáculos, desenvolveu uma caminhada de força e empatia, sua escrita desafiou declarações preconceituosas que tentaram desmerecer sua obra, e, além disso, ser mãe para Carolina também é acolhimento não só da sua família, mas também de outras mulheres negras, criando oportunidades para que essas possam narrar suas histórias e desempenhar sua proteção maternal em suas jornadas.

A literatura é a arte em que o prazer estético e as representações da diversidade e das inquietações humanas encontram expressão. Quarto de despejo: diário de uma favelada ocupa esse lugar, rompendo barreiras e abrindo caminhos para outras literaturas negras no Brasil. (Vieira, 2021, p.9).

2.3 *Diário de Bitita* (1986)

Na obra *Diário de Bitita*, publicada postumamente em 1986, Carolina Maria de Jesus narra sua infância e juventude no interior de Minas Gerais, com destaque para suas relações familiares. A autora aborda temas que continuam atuais, como o abandono paterno, a maternidade solo de sua mãe, Cota, além de questões de gênero e raça que marcaram toda a sua trajetória. Essas vivências influenciaram suas percepções desde muito cedo, como quando expressa o desejo de se tornar homem, acreditando que os homens tinham mais liberdade, oportunidades e poder.

— Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!

Quando eu queria algo, era capaz de chorar horas e horas.

— Vai deitar-se. Amanhã, quando despertar, você já virou homem. (Jesus, 1986, p.10)

Essa consciência surge, por exemplo, ao observar o comportamento do avô com a avó, Sinhá Maruca, que dizia que a mulher devia obedecer ao homem. Revoltada com isso, Bitita manifesta sua vontade de ser homem para também ter esse poder: “Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me.” (Jesus, 1986, p. 66). Esses relatos demonstram como a desigualdade de gênero já se fazia presente em sua formação.

Apesar do título conter a palavra “diário”, a obra não segue o formato clássico desse gênero, como em *Quarto de Despejo*. Em vez disso, *Diário de Bitita* é estruturado em capítulos que apresentam, de forma linear, momentos marcantes da vida da autora. Carolina reconstrói suas lembranças com liberdade criativa, ficcionalizando situações e personagens, ao mesmo tempo, em que compartilha reflexões sobre as dificuldades enfrentadas. A linguagem da obra é simples e direta, refletindo a pouca escolaridade da autora, mas sem perder a força de sua voz crítica, sonhadora e sensível. *Diário de Bitita* é, assim, muito mais que um relato pessoal: é um retrato social e político do Brasil do século XX, onde a experiência individual se transforma em denúncia e resistência. A obra reafirma a importância de Carolina Maria de Jesus como uma escritora negra que encontrou na escrita uma forma de expressar sua realidade e lutar por dignidade.

Dentre os temas que emergem desta realidade retratada, a maternidade ocupa um lugar de destaque, especialmente quando observada sob a perspectiva das desigualdades sociais e raciais enfrentadas pelas mulheres negras. Neste trecho do trabalho farei uma síntese crítica sobre a representação da maternidade na obra *Diário de bitita* sob a perspectiva de Silva e Nunes (2022).

“Enquanto mulher negra, Carolina Maria de Jesus deixa evidente em suas obras que ela, sua mãe e outras mulheres negras apresentadas nas obras, sofrem desde muito novas para adquirir recursos para subsistência. Sempre se submetendo aos serviços informais mais precarizados, mal remunerados e discriminados. (Silva; Nunes, 2022, p.12)

Aqui, as autoras nos mostram como a mulher negra é impulsionada pela base da sociedade encarando injustiças. Outro aspecto importante que as autoras relatam é sobre a composição familiar, constante nos testemunhos de Carolina. Em *Diário de Bitita* ela mencionava as vivências de sua mãe que teve ela e seu irmão que não eram do mesmo pai e que nunca prestaram nenhuma assistência e nem aos menos os conheciam, como muitos pais que nunca fizeram questão de saber e conhecer seus filhos e além de todas as coisas que passavam nem podiam contar com o apoio paterno. Silva e Nunes (2022). Nesse caso, as autoras não romantizam a maternidade, ela surge como uma luta diária marcada por sacrifícios, reafirmando o peso excessivo encarado por mulheres negras em estado de vulnerabilidade, que desde sempre tem que ser mãe e pai e carregam suas famílias nos braços tentando manter um sustento digno.

Assim, percebe-se que escrever sobre a maternidade em uma abordagem interseccional exige, antes de tudo, debater o quanto o estado viola direitos por não garantir o mínimo existencial a todos de forma plena e eficaz por meio de políticas públicas focalizadas, necessárias para a liberdade e autonomia das mulheres, tanto dos seus corpos e vidas, quanto da própria maternagem e infância nos segmentos sociais mais espoliados. (Silva; Nunes, 2022, p. 15).

Com base na leitura do Diário *de Bitita* e na perspectiva de Silva e Nunes (2022), é possível compreender como a maternidade, atravessada por marcadores de raça, classe e gênero, revela as múltiplas vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres negras. Essa experiência, longe de ser romantizada, se configura como uma condição marcada por sobrecarga e negligência do Estado. Na sequência deste trabalho, a análise se ampliará para discutir como essas vivências contribuem para a construção de determinadas imagens da mulher negra na sociedade, articulando o referencial teórico que embasa esta pesquisa.

3 IMAGENS DA MULHER NEGRA

Para realizar a pesquisa, procurou-se estudar textos sobre a condição da mulher negra no Brasil. A seguir, serão apresentados alguns apontamentos dessas leituras.

De acordo com a perspectiva de Araújo (2023, p. 56),

[...] desde a escravidão, a mulher negra enfrenta processos de desumanização pelas mãos de um regime escravocrata e patriarcal, no qual ter força não era uma escolha, mas, sim, uma condição para sobreviver.

Carolina deixa isso explícito em diversos trechos de suas obras. Cita que, não tinha escolha, ou trabalhava, ou não teria nada para comer. Mas longe de romantizar ou tratar esses aspectos como naturais, elas, Araújo e Carolina, demonstram que essa força surge da necessidade, da brutalidade que a vida e a sociedade impuseram a essas pessoas delegadas ao abandono e à luta pela sobrevivência.

Outro aspecto importante a ser falado sobre a mulher negra, segundo Vieira (2021) é que “a violência moral, física e psicológica é potencializada contra a mulher, pois o seu lugar de classe e raça faz com que camadas de opressão se sobreponham” (Vieira, 2021, p.8). A violência contra mulheres negras ainda é um fato recorrente por serem mais suscetíveis e não terem muitos recursos para fugir desses cenários, também por não possuírem o apoio adequado dos órgãos públicos, que mais deveriam ajudar.

Essa violência passa por suas vivências maternas, como diz Vieira; “No seu diário, Carolina promove a humanização de sujeitos retificados historicamente, inclusive quando se inscreve no lugar socialmente sonhado de mulher, mãe e escritora.” (Vieira, 2021, p.5).

Ao falar em experiências, Gonzalez (1979) refere-se às jornadas desafiadoras de construir sua identidade como mulher negra em um contexto marcado pela opressão e discriminação.

Sobretudo a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, ao nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência transmite-nos a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos a luta pelo nosso povo. (Gonzalez, 1979, p.51)

Apoiada nestas ponderações, observamos que o modo crítico das autoras muda conforme o período e lugar. No entanto, dialogam sobre as alegações e a exploração vividas por mulheres negras, parecidas com elas. Assim, tratar das imagens da mulher negra, e especificamente as imagens da mulher negra nesse espaço de marginalização de onde emerge Carolina, nos leva a uma visão de resistência e sobrevivência, onde a mulher negra é colocada como o cerne da existência familiar nos contextos que nos são apresentados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

4.1 Mãe da Carolina

Conhecida como Cota, Maria Carolina era uma mulher negra, mãe solteira, lavadeira e filha de ex-escravizados. Criava sozinha dois filhos: o mais velho, fruto de sua primeira relação, e Bitita, nascida de um segundo relacionamento. De poucas palavras e temperamento reservado, Cota demonstrava um comportamento ríspido e, por vezes, seco, especialmente em relação à filha mais nova.

Quando a minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

— Que menina inteligente. E está com quatro anos. (Jesus, 1986, p.8)

Ainda que não fosse uma mãe afetuosa ou zelosa, sua presença na vida de Bitita foi marcante. Alimentava o desejo de que a filha estudasse e se tornasse professora, embora a realidade nem sempre permitisse que seus planos se concretizassem.

Eu não tenho nada a dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi às contingências da vida que lhe impossibilitou de concretizar o seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. (Jesus, 1960, p.48–49).

A relação entre mãe e filha era marcada por conflitos. Cota mostrava-se impaciente diante das perguntas insistentes e das traquinagens da menina, reagindo frequentemente com agressividade física.

Perguntei a minha mãe:

— O mundo é tão bom! Ele é sempre assim?

Não respondeu-me. Dirigiu-me um olhar tão triste, um olhar que preocupou-me. Mas insisti.

— Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo?

Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando.

Minha tia Claudimira disse:

— Você precisa dar um jeito nesta negrinha. Ela vai te deixar louca. (Jesus, 1986, p. 24)

Em momentos de fúria extrema, chegou a afirmar, olhando nos olhos da filha, que não gostava dela. Além disso, muitas vezes foi influenciada por vizinhas e familiares a punir Bitita, cedendo a essas pressões com violência. Cota era uma mãe muito afetada pelo meio em que vivia, sendo ele social ou familiar e o principal modo que ela externaliza isso é em sua relação com sua filha Bitita, a agressividade de Cota fica explícita no trecho; “Minha mãe me espancava todos os dias quando eu não apanhava sentia falta.” (Jesus, 1986, p.25).

Cota, em síntese, também exerceu um papel fundamental na construção da identidade de Carolina, representando um exemplo de mulher negra marcada pelas heranças da escravização e pela dureza da vida cotidiana, ela é retratada como uma figura materna áspera. Essa representação apresenta uma complexibilidade e revela não apenas os desafios enfrentados por mulheres negras e pobres que vivem a maternidade como as condições sociais e econômicas permitem, mas também as contradições e tensões existentes nas relações familiares formadas em contextos de opressão e ausência de direitos.

Essa mãe preta recebe as opressões que o racismo, o sexismo e o capitalismo, como formas estruturais de opressão, interseccionam no seu corpo e precisa lidar com questões que fogem da realidade de muitas mães brancas. (Araújo, 2023, p. 48).

A autora se refere a Carolina ao tratar dessa perspectiva, no entanto, Cota, assim como a filha, enfrenta as mesmas consequências dessa realidade, pois seu gênero, raça e posição social não se diferem.

4.2 Carolina Filha

Bitita, assim era conhecida Carolina na sua infância, menina sapeca, inteligente e muito curiosa, estava sempre com os ouvidos alerta e olhos bem atentos. “Para mim o mundo consistia em comer, crescer e brincar. Eu pensava: o mundo é gostoso para viver nele”. (Jesus, 1986, p.16). Ela sempre queria escutar e saber sobre as conversas que os adultos estavam falando, por ter essas atitudes, na maioria das vezes era hostilizada, porque criança não tinha que saber conversas de adulto. A pequena Bitita teve uma infância difícil, além dos problemas que enfrentava em sua casa como a falta de alimentos, a discriminação entre ela e seu irmão, as intolerâncias pela cor de sua pele, o maior deles ainda era sua relação

frágil com sua mãe, ela não teve aquele amor materno que toda criança merece, tinha apenas palavras duras, violência física, e um grande desamor.

Meu irmão brigava comigo, quem apanhava era eu. E me queixava para minha mãe:

— A senhora protege o Jerônimo porque ele é o filho legítimo. E eu, sou a bastarda. (Jesus, 1986, p.83)

No entanto, é importante lembrarmos que as relações humanas são complexas, e assim era também a relação de Cota e Bitita. Oriundas de uma parcela marginalizada da sociedade, o meio influenciava diretamente as ações de Cota, Carolina, enquanto autora, narra:

[...] Minha mãe acariciou-me e disse-me:

— Eu nasci na roça. E me criei na roça. Foi o único período de minha vida que fui feliz. Ainda tenho saudades dos tempos em que fui menina. Você quando era menor não queria crescer. Eu também não queria. Ninguém quer crescer mas todos crescem.

Eu já sabia que as leis da natureza são imutáveis. Percorri os olhos ao redor. Apenas árvores e um céu azul com um disco solar tépido. Minha mãe prosseguia:

— Eu comecei a sofrer depois que fui residir na cidade, foi na cidade que aprendi a gostar dos vícios, a cidade nos empolga, e nos destrói. Eu não tinha tempo de estar ao teu lado, ia trabalhar fora de casa e você ficava vagando pelas ruas. Aqui vamos ser amigas. (Jesus, 1986, p.129).

O trecho exemplifica um dos poucos momentos em que Bitita não é tratada com hostilidade pela mãe e esta, por sua vez, se esforça para que a relação delas torne-se mais amigável e tranquila. Apesar de não permanecerem na fazenda, a relação de Carolina com sua mãe melhora, e ela passa também a lhe oferecer mais apoio, conforme visto quando tenta defender a filha e ambas são presas e espancadas na cadeia.

Apesar dos conflitos e da rispidez, Carolina cresce tendo muito respeito por sua mãe, e, ao se ver na idade adulta, já em São Paulo, recorda dela saudosamente.

4.3 Carolina Mãe

Trabalhadora, mulher negra de origem humilde, é um exímio exemplo de mãe, aquela que cobra, que educa, que defende, mas que também sabe dar carinho. Carolina, mãe de João, José e Vera Eunice, sempre batalhou sozinha para o

sustento dos filhos, nunca deixava faltar o que comer para eles, porque seus filhos eram tudo para ela.

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.
Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. (Jesus, 1960, p.21-22)

Queria sempre dar o melhor para eles, como alimentos e roupas, mas as condições de vida no momento não a favoreciam. Ela sonhava que um dia a situação mudaria e então poderia dar a vida que sempre sonhou aos filhos, principalmente uma casa para morar. “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.” (Jesus, 1960, p.38).

Mesmo passando por muitos problemas na favela onde vivia o meio nunca a influenciou, manteve-se com seus pensamentos e modo de agir principalmente com seus filhos, mesmo vivendo naquele ambiente com todo tipo de gente, violência e vícios, Carolina nunca mudou seu modo de ver a vida e nem seu jeito de educar os filhos.

Era uma mãe firme em suas cobranças, e algumas vezes perdia sua paciência e acabava batendo nos meninos, que eram os mais travessos, mas, logo em seguida, arrependia-se porque não era a favor da violência, e para ela, doía mais nela do que neles, talvez por ter apanhado tanto em sua infância.

O cuidado, físico e moral, com os filhos preenche boa parte do diário. Carolina tece sonhos em letras erradas bordadas em cadernos encontrados no lixo. Ela transforma o determinismo em determinação e os conselhos e orientações de mãe se repetem ao longo da obra. (Vieira, 2021, p.6)

Vemos, assim, que Carolina, enquanto mãe, cumpre um papel mais próximo ao ideal de mãe construído na sociedade. Luta por seus filhos, por si, é zelosa e preocupada, mas mesmo todas as adversidades que se sobrepõem a ela não conseguem que suas perspectivas, prioridades e zelo mudem.

5 RELAÇÕES ENTRE MÃES E FILHOS

No decorrer das obras *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*, a autora apresenta imagens significativas de vínculos familiares definidos por diferenças sociais e de raça. A imagem materna aparece como eixo desse enredo, mostrando os problemas experienciados por mulheres negras em situações de vulnerabilidade quanto às variadas maneiras de amar, proteger e lutar.

A análise comparativa entre Cota, a mãe de Carolina e a Carolina mãe nos faz entender como o meio em que vivem influenciou ou não suas posturas e afetos perante a maternidade. O ambiente em que Cota viveu teve grande influência sobre a forma como se relacionava com sua filha. Nos períodos em que trabalhava apenas lavando roupas, mal conseguindo sustentar a casa, sua visão de mundo era marcada pela dureza, seu tratamento com Bitita era rígido, por vezes frio e agressivo. Cota era uma mulher de poucas palavras, reservada, como se as dificuldades da vida a tivessem endurecido. Talvez o medo constante de não ter comida suficiente para colocar à mesa a tornasse mais fechada e preocupada. No entanto, quando a situação financeira melhorava, ainda que minimamente, era possível notar uma mudança em seu comportamento: Cota conseguia respirar com mais leveza, sorrir e demonstrar algum carinho à pequena Bitita.

Por outro lado, Carolina, enquanto mãe, não permitiu que o meio em que vivia moldasse sua forma de amar e cuidar dos filhos. Apesar de morar na favela, enfrentar a fome e inúmeras privações, Carolina sempre foi uma mãe amorosa, atenta e dedicada aos seus três filhos. Mesmo diante da miséria, preocupava-se com a alimentação, com a educação e com o futuro das crianças. Sonhava com um destino melhor para eles, desejando que se tornassem pessoas dignas, com profissão e oportunidades. Ainda que tenha vivido em condições mais difíceis que sua mãe, Carolina jamais deixou que as adversidades contaminassem sua relação com os filhos, pelo contrário, transformava o afeto e a esperança em forma de resistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender como Carolina Maria de Jesus retratou a maternidade em suas obras *Quarto de despejo*, *Diário de uma favelada* e *Diário de Bitita*. Ao analisarmos as narrativas, nos deparamos com duas mães que possuem muitas diferenças, mas preservam algumas semelhanças. Carolina e Cota, surgem como a representação daquilo que o meio, pode ou não causar nas relações entre mães e filhos. Sendo elas opostos, enquanto Cota, ao ser pressionada, acabava por reagir agressivamente às traquinagens da pequena Bitita, Carolina, por sua vez, enquanto mãe de três filhos, demonstrava o amor e cuidado que a ela sempre sentiu serem negligenciados.

Apesar de ter sofrido muitas agressões durante sua infância, Carolina sempre se posicionou contra qualquer forma de violência. Para ela, não havia justificativa para as agressões. Por isso, fez questão de ensinar aos filhos que o diálogo e a paciência são os melhores caminhos para resolver conflitos, tal postura contrastava com a de sua mãe, Cota, que não gostava de conversas e nem paciência tinha para explicar o mínimo, ainda assim a pequena Bitita sempre manteve uma postura respeitosa diante de sua mãe.

Amparado por autoras que tratam dos temas da maternidade e da negritude, essa pesquisa demonstra que, apesar das circunstâncias e do meio, Carolina foi uma mãe diferente da sua, e seu zelo e esforços se mostram frutíferos ao realizar seu sonho de proporcionar uma vida digna a seus filhos e ter uma casa de alvenaria.

7 REFERÊNCIAS

AGNELLINO, Erika da Silva Costa. **As vozes da periferia: Carolina e o seu quarto de despejo**. Orientadora: Susan Aparecida de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> . Acesso em 17 de Mai. 2025.

Araujo, Daniela Forcioni Turba dos Santos. **"— A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo": o peso da maternidade periférica de Carolina Maria de Jesus**. Orientador: Rogerio Mendes Coelho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53806?locale=pt_BR acesso em 15 de Mai. de 2025.

CAROLINA Maria de Jesus. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú cultural de arte e cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/14374-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 17 de Mai. de 2025. Verbete da Enciclopédia.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Milana Santos. **Quarto de despejo e diário de Bitita: Carolina Maria de Jesus e a Escrita de Resistência contra a Necropolítica**. Orientadora: Karina Lima Sales. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> . Acesso em 19 de Mai. de 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas brancas: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Instituto Moreira Salles. **Sobre Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 19 de Mai. de 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

Literafro o portal da Literatura Afro- brasileira. **Sobre Carolina Maria de Jesus**.

Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/58-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 17 de dezembro de 2024.

NEVES JUNIOR, Romildo Rodrigues. **Identidade e memória em diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus: Uma história contada a cerca dos anos de 1920 a 1940**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda, 2021.

OLIVEIRA, Erica de Souza. **Imagens de maternidade negra em quarto de despejo e diário de Bitita**. Orientador: Nerivaldo Alves Araujo. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Universidade do Estado da Bahia, Bahia - Salvador, 2021. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 20 de Mai. 2025.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos. **Carolina Maria de Jesus: Análise identitária em quarto de despejo – diário de uma favelada**. Orientador: Valdeci Resende Borges. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 20 de Mai. 2025

SANTOS, Maria Helena Siqueira. **Narrativas de identidade e resistência: um olhar sobre as mulheres negras na memória de Carolina Maria de Jesus**. Orientador: Marcio Jean Fialho de Sousa. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 21 de Mai. 2025

SILVA, L. M. N.; NUNES, C. **O retrato do ônus da maternidade negra nas obras de Carolina Maria de Jesus e a denúncia das violações de direitos**. ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. e910, 2022. DOI: 10.21119/anamps.8.2.e910. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/910>. Acesso em: 29 maio. 2025.

SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIEIRA, Elaine Cristina Vaz de Oliveira. **A maternidade entre saberes e fazeres: uma leitura da obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Mirian Sumica Carneiro Reis. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, São Francisco do Conde 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2365>. Acesso em 25 de abril de 2025.